



# CARTA MENSAL

*Colégio Brasileiro de Genealogia*

Ano XXVIII - Nº 129 - set/out 2015

## ASSOCIADOS SÃO NOTÍCIA

- **Edivaldo Machado Boaventura**, em 30 de junho p.p., foi eleito Membro Correspondente da Classe de História Marítima, da Academia de Marinha, de Lisboa, Portugal. A Academia de Marinha, criada em 1978, é um órgão cultural da Marinha portuguesa com autonomia científica, que tem por missão promover e desenvolver os estudos e divulgar os conhecimentos relacionados com a história, as letras, as artes e as ciências e tudo o mais que diga respeito ao mar e às atividades marítimas.
- **Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho** em julho, e **Stanley Savoretti de Souza** em setembro, tiveram seus nomes aprovados para admissão como associados efetivos do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – IHGMG.
- **Nireu Cavalcanti**, no dia 8 de setembro, fez parte do programa *Observatório da Imprensa* - "O GRITO DO IPIRANGA". Sob a direção do jornalista Alberto Dines, foi discutido o tema "Houve o Sete de Setembro?", com a participação das historiadoras Maria de Lourdes Viana Lyra e Isabel Lustosa, além do confrade. O programa pode ser assistido na Internet, no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=WuPL834Xhe0&feature=youtu.be>

- E, no dia 28 de outubro, ocorreu o lançamento do livro "450 anos da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", edição comemorativa da Revista da Academia Carioca de Letras, coordenado por Paulo Roberto Pereira, do qual Nireu participa com texto sobre Mestre Valentim.
- **Cinara Jorge**, conforme noticiado na CM 126 mar-abr, havia proferido palestra, no dia 8 de abril, para as integrantes do CECM – Curso de Extensão Cultural da Mulher, do Clube Militar-Lagoa, no Rio de Janeiro, sobre a "sua" Condessa do Rio Novo. A receptividade foi tanta, que ali apresentou-se novamente, no dia 23 de setembro, desta vez com o tema "Nobres de Entre-Rios, Tiradentes e um possível romance"; e **Regina Cascão** teve sua vez no dia 7 de outubro, no mesmo curso, a convite dos gestores, discorrendo sobre genealogia em palestra de título "Sabe com quem está falando?" um genealogista sempre sabe...". O CECM foi criado em 1975, e desde então vem anualmente realizando ciclos de palestras e visitas cívico-culturais, com grande sucesso.
  - **Carlos Eduardo Barata** fez o lançamento de seu novo livro, em co-autoria com Cláudia Braga Gaspar, no dia 3 de outubro, no Solar Grandjean de Montigny, na Gávea. Leia mais na pág. 5 deste boletim.

## NOTÍCIAS DO CBG

- **Novos associados** – Com alegria, o CBG dá as boas vindas aos novos associados aprovados pela Diretoria para integrar o Quadro Associativo. Estamos felizes por tê-los conosco! São eles: **Fernando de Camargo Aranha** – Marília, SP; **Luiza Helena Rezende Machado** – Rio de Janeiro, RJ e **Rueidi Bastos** – Curitiba, PR.
- **Biblioteca** - Informamos aos novos associados - e recordamos aos antigos - que o Estatuto CBG traz em seu Art. 12 - item b a obrigação do associado em "doar à biblioteca um exemplar das publicações de sua autoria nas áreas de interesse do Colégio". Lembramos que, em razão do exíguo espaço para guarda, só temos como adicionar a nosso acervo obras eminentemente genealógicas ou que tenham, em seu conteúdo, pelo menos uma boa parte que trate de genealogia, nossa precípua razão de existência.

Registramos nossos sinceros agradecimentos aos que enviaram volumes de sua autoria, ou de outrem, para ampliar o acervo CBG. São os seguintes os livros registrados no período.

- *Barão do Abiaí* – de Olivina Carneiro da Cunha, doação de **Adauto Ramos**.

Edição de 1940, escrita pela filha do barão, a obra é biografia completa do Titular paraibano Silvino Elvidio Carneiro da Cunha.

- *Viagem aos tempos de antanho – conhecendo e visitando meus ancestrais – seis gerações* – de **Irene Pessôa de Lima Câmara**, doação da autora.

Como ela mesma define, não se trata de um estudo puramente genealógico, mas uma mescla de genealogia (fundamentada em documentação primária e histórica), recordações, comentários e homenagens. Da autora, traz o lado materno com as famílias Silva Pessoa, do NE, Manso Sayão e Avellar Brandão, de Valença e Vassouras, RJ; e o paterno, com as famílias Lima Câmara - da Bahia e estabelecida no Rio de Janeiro; Bivar e Bessa, de Portugal; e Rios e Benitez, de Perdomo nas ilhas Canárias.

- *Maragatos em Caxias do Sul* – de **Luiz Antônio Alves**, doação do autor.

A Revolução de 1923 foi o movimento armado ocorrido durante onze meses daquele ano no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, em que lutaram, de um lado, os partidários do presidente do Estado, Borges de Medeiros (borgistas ou chimangos, que usavam no pescoço como distintivo ou característica o lenço branco) e, de outro, os revolucionários, aliados de Assis Brasil (assisistas ou maragatos, que usavam no pescoço como distintivo o lenço vermelho). “Na região de Vila Oiva, (...) os rebeldes resolveram atacar Caxias do Sul. Nesse episódio o autor se debruça em apontar fontes que citam os dramas e as causas do embate. Complementa com uma genealogia de pessoas e famílias que se envolveram nos tiroteios.” Diz o autor que “A Genealogia está presente neste livro. Ela ilustra a passagem de personagens de várias épocas num trançado de famílias. Curiosamente, descendentes de maragatos e chimangos casaram entre si, sem a menor desconfiança do parceiro, pois o amor apagou mágoas e diferenças.”



- **Visita** – com muita satisfação, registramos a visita do confrade **Marco Polo Teixeira Dutra Pheneé Silva**, de Brasília-DF, que estava no Rio de Janeiro em pesquisa. Com a esposa Mithiko, visitou o Colégio no dia 14 de setembro, segunda-feira, plantão de atendimento a cargo de **Regina Cascão**, que com ele aparece na foto. No dia seguinte, o casal participou do tradicional Convívio Genealógico – Terceira Terça, na Tijuca onde, em perfeita interação, reencontrou velhos amigos genealogistas e conheceu outros.

Marco Polo é autor do livro “Uma Família Silva na São Paulo Setecentista” e criador e mantenedor da página Sala de Estudos ([www.marcopolo.pro.br](http://www.marcopolo.pro.br)) com uma magnífica seção dedicada à área da Genealogia Fluminense.



## OUTRAS NOTÍCIAS

**Documentos emitidos na Bahia entre 1664 e 1889 poderão ser consultados online** - Cartas de liberdade, escrituras de venda e compra de imóveis, procurações, contratos de casamento, atas de eleição... Documentos como esses ficaram escondidos entre as paredes da sede do Arquivo Público do Estado da Bahia, na Baixa de Quintas, na capital Salvador.

Desde maio, está sendo executado projeto de disponibilização desse acervo, financiado pela British Library (Biblioteca Britânica), por meio do programa Arquivos Ameaçados de Extinção. Um grupo de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia - UFBA, em parceria com a Fundação Pedro Calmon e o Arquivo Público, começou a digitalizar cerca de 450 mil imagens de 900 livros de notas (também conhecidos como registros de cartório) de Salvador.

Em breve o acervo estará disponível no site da Biblioteca Britânica (<http://www.bl.uk>). Fiquemos atentos.

### NOMENCLATURA INDÍGENA NA NOBILIARQUIA BRASILEIRA

R. Magalhães Jr

.in "Como você se chama? Estudo sócio-psicológico de prenomes e cognomes"

#### Capítulo 3 – O surto nacionalista do período imperial

No tempo em que o Brasil se constituiu em nação independente, sob a forma de Império constitucional e parlamentar, houve verdadeiro surto de nacionalismo, que se refletiu, sobretudo, no repúdio aos nomes de origem portuguesa e na adoção de novos nomes, mais ligados à terra e às coisas brasileiras. (...)

Fornecer também dados curiosos o inventário da nobiliarquia brasileira, feita em algumas obras, as quais se destacavam o "Arquivo Nobiliárquico Brasileiro", do Barão de Vasconcelos (o segundo desse título, Rodolfo Smith de Vasconcelos) e seu filho, Barão Smith de Vasconcelos (Jaime Luís), e o livro de Carlos G. Rheingantz, "Titulares do Império", publicado pelo Arquivo Nacional, onde foram realizadas suas pesquisas. O exame das listas dos nossos titulares revela desde logo uma coisa muito curiosa: a valorização dos nomes geográficos indígenas, transformados em baronatos, viscondados, condados e marquesados. Mas, por trás desses topônimos retintamente brasileiros, escondiam-se por vezes os nobres de nomes mais estrangeirados.

Por exemplo: o Marquês de Aracati era nada menos que João Carlos Augusto d'Oyenhause e Gravenburg. O Barão de Araguari era João Maria de Wandenkolk, oficial da Marinha que, nascido em Portugal, viera menino para o Brasil, ao transferir-se para o Rio de Janeiro a família real portuguesa. O Barão de Itapevi era Émile Louis Mallet, nascido em Dunquerque, na França, e que veio menino para o Brasil, como os pais, que fundaram um colégio no Rio de Janeiro. No Exército, chegou a tenente-general e, por sua ação na guerra com o Paraguai, foi escolhido para patrono da artilharia brasileira. O Barão de Itiúba era César Persiani, médico de grande fama, cirurgião muito reputado, de origem italiana. O Barão de Javari era João Jorge Dodsworth, de origem escocesa. O Marquês do Maranhão era Lord Cochrane (Thomas John, Conde de Dundonald na Inglaterra). O Barão de Tefé era Antônio Luís von Hoonholtz, de origem nitidamente germânica. O Barão de Tracunhaém era João Cavalcanti Maurício Wanderley, com mistura de sangue italiano e holandês. O Barão de Cotegipe era João Maurício Wanderley, de origem parcialmente holandesa. Isto sem falar dos numerosos portugueses que se integraram no nosso país e aqui foram nobilitados, entre os quais sobressai o Barão de Amazonas, título dado ao herói da batalha naval do Riachuelo, almirante Francisco Manuel Barroso, nascido em Portugal em 1804.

Era raro o caso de um português de nome como o de José Ribeiro de Itapicuru, que ao ser nobilitado trocava o cognome indigenista pelo título de Barão do Rio Relá. Mas outros, como Alfredo Rocha Faria Nioac, faziam questão de conservar o nome indígena, como esse conservou, para se tornar o Barão de Nioac. O indigenismo predominou largamente na "nobreza de chinelos", a que tão desdenhosamente se referia José de Alencar numa de suas Cartas de Erasmo.

---

#### OS NOMES DA MODA

Jornal O Globo (RJ) – Coluna Gente Boa,  
de Cleo Guimarães – 17.10.2015

#### Os campeões

Mais de seis mil bebês nasceram de janeiro para cá nas duas maternidades do grupo Perinatal na cidade do Rio de Janeiro, e, por enquanto, Pedro e Alice ocupam o topo do ranking dos nomes mais comuns, com 163 e 123 escolhas, respectivamente. Entre os meninos, Arthur (154) e Bernardo (151) vêm logo em seguida. Laura (102) e Manuela (95) fecham o top 3 das meninas.

#### Aliás e a propósito

Nomes que há alguns anos eram apelidos também estão se popularizando: Carol, Bia, Viny e Tito são cada vez mais comuns. Mas, nessa onda de nomes curtos, ninguém bate Nina: de janeiro a agosto foram 21; Malu vem em seguida, com dez, Leo e Tom foram quatro cada um.

## PAIS CRIAM NOMES INUSITADOS PARA FILHOS E TODOS COMEÇAM COM “J”

Publicado em 04/09/2015 – G1 Maranhão

Segundo o casal do Maranhão, os nomes foram criados para que os filhos não fossem confundidos com outras pessoas em caso de um crime, por exemplo. Mas a mãe fala que era difícil dar bronca nos filhos e demorava para chamar todos de uma vez. Por isso criou os apelidos.

O início de tudo foi com o soldador João de Deus da Silva, São Mateus do Maranhão (MA). Ele sempre se incomodou com o próprio nome, por ser comum. Então, decidiu se chamar Sol Hidramix Riosraiosparaíso Diforças Hahlmeixeixas Hinfinito, um apelido, porque a alteração no documento não foi permitida pela Justiça. Na cidade, ninguém o conhece como João, apenas como Hidramix. Sua ex-mulher, Maria Deusamar Alves de Souza, quis ser chamada de Deusa. Separados há dez anos, os dois ainda concordam com uma coisa: nome comum não tinha vez na casa.

A família de nomes inusitados hoje se divide em três cidades brasileiras: a São Mateus de origem, Brasília e São Carlos (SP).

NOME	IDADE	APELIDO
Em São Mateus do Maranhão - MA		
João de Deus da Silva	63 anos	Sol Hidramix
Maria Deusamar	53 anos	Deusa
Jhoeicileifranklinsheixe - M	27 anos	Franklin
Jharkhinawhannekhemilly - F	11 anos	Khemilly
Jhartchankeulamar - F	32 anos	Jhartean (na escola) e Keula (em casa)
Jhardeikleicheck - F (fal. 1982, com 2 anos de idade)		Kleicheck
Em São Carlos - SP		
Jhaesneanflayquisheideix - M	29 anos	Flayqui
Jharquilkleybia - F	30 anos	Cris (escola) e Kleybia (em casa)
Jhoenamarkeissene - F	33 anos	Keissene
Em Brasília - DF		
Jhaulismaflancyo - M	36 anos	Flancyo

### O que diz a Lei

A Lei de Registros Públicos, 6.015/73, em seu parágrafo único do artigo 55, prevê que os oficiais do registro civil não podem registrar nomes que exponham ao ridículo os seus portadores. “O bom que não tivemos dificuldade para registrar o nome deles, mas registrar a nossa neta foi mais difícil e precisamos de advogado para isso”, diz Sol Hidramix, indicando que os responsáveis pelos registros ficaram menos tolerantes com o passar do tempo.

A alteração do prenome é proibida pelo artigo 58, podendo ser alterado só em circunstâncias excepcionais.

Segundo o artigo 56, o interessado, logo após ter atingido a maioridade civil, poderá, pessoalmente ou por procurador, alterar o nome, desde que não prejudique os sobrenomes. De acordo com o artigo 57, qualquer alteração posterior de nome, somente por exceção e motivadamente, após audiência do Ministério Público, será permitida por sentença do juiz a que estiver sujeito o registro, arquivando-se o mandado e publicando-se a alteração pela imprensa.

Em seu artigo 109, a mesma lei prevê a possibilidade de correção de erros nos assentos de registros civil.

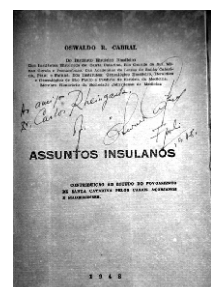
## CURIOSIDADES COM O PRESIDENTE VITALÍCIO DO CBG

Do confrade **Telmo José Tomio** – de Balneário Piçarras, SC

*Buscava determinada obra para meu acervo, uma preciosidade que estava procurando faz tempo...*

*Recentemente encontrei-a à venda no site 'Estante Virtual', disponibilizado por um “sebo” de Teresópolis-RJ. Trata-se do livro “Assuntos Insulanos”, de Oswaldo Rodrigues Cabral, edição de 1948.*

*Encomendei-o rapidamente e ao chegar, tive uma grande (e grata) surpresa: o livro estava autografado pelo autor, com dedicatória a seu amigo genealogista Carlos Rheingantz!*



Do confrade **Rafael de Castro Baker Botelho** – São Paulo, SP

*Estava folheando o álbum de formatura de meu avô Eduardo, com fotos dos formandos em Engenharia da Escola Politécnica da então Universidade Técnica Federal do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.*

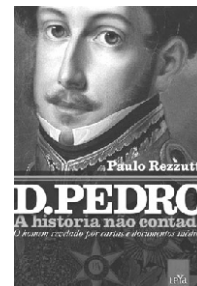
*E deparei-me com o rapaz aí da foto. Estou achando que um bigode realmente muda um rosto...*



## LANÇAMENTOS

### D. Pedro – A história não contada – de Paulo Rezzutti

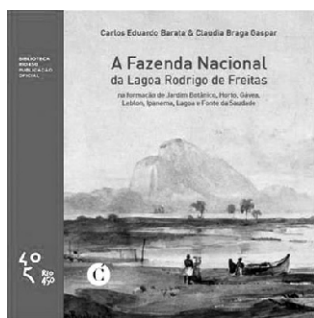
O primeiro imperador do Brasil foi um personagem que entrou nos livros de história, e no imaginário do brasileiro, cercado por uma aura a um só tempo caricatural e enigmática. Muito se fala do grito às margens do Ipiranga, da sexualidade exacerbada e do jeito impaciente que lhe rendeu a pecha de monarca difícil e de pouco tato político. Mas quase duzentos anos depois de sua morte, pouco ainda se sabe do homem de personalidade complexa que se dispunha a morrer por uma causa; do pai que queria para os filhos a educação que reconhecia falhar em si próprio; do governante que foi protagonista na transição do absolutismo ao liberalismo e ao regime constitucional no Brasil.



Em meio a um emaranhado de especulações e distorções históricas, restava ainda a interrogação: quem foi o primeiro imperador do Brasil? Em lugar da caricatura que tomou conta do imaginário nacional, Paulo Rezzutti apresenta o homem por trás do imperador, com todas as contradições e riqueza de personalidade que o transformam em um dos personagens mais interessantes da nossa história – um homem que, para além das muitas amantes, dos filhos ilegítimos e da fama de turrão, deixou como legado uma história de sacrifícios em prol da unidade nacional; um homem repleto de defeitos morais e contradições políticas, mas que esteve ligado a grandes passagens da história do liberalismo mundial, e que, acima de tudo, viveu uma vida intensa e repleta de humanidade.

Aquisição: nas boas livrarias ou online: <http://www.travessa.com.br/>

### A Fazenda Nacional da Lagoa Rodrigo de Freitas – de **Carlos Eduardo Barata** e Cláudia Braga Gaspar



Os autores debruçaram-se sobre documentos, plantas e fotos durante 20 anos para resgatar a história de uma das propriedades mais simbólicas do Rio. O livro “A Fazenda Nacional da Lagoa Rodrigo de Freitas na formação de Jardim Botânico, Horto, Gávea, Leblon, Ipanema, Lagoa e Fonte da Saudade” (Cassará Editora), reconta a urbanização de parte da Zona Sul carioca e seu lançamento aconteceu no sábado dia 03 de outubro, no Solar Grandjean de Montigny, Gávea, Rio de Janeiro, uma das chácaras remanescentes do Rio Imperial.

O livro apresenta historicamente os bairros do entorno da Lagoa, trazendo fascinantes imagens, entre elas uma ilustração panorâmica assinada pela britânica Maria Graham, amiga pessoal de d. Leopoldina e preceptora da princesa Maria da Glória, feita em 1821. A imagem, que pela primeira vez é publicada completa, é estendida por seis páginas centrais, chegando a 1,26 metros.

Segundo o confrade Barata, a genealogia permeou a pesquisa do período sec. XII a XIX, não só no exame de documentos de terra para identificação dos proprietários, como inventários e testamentos que revelaram herdeiros e sucessores; além da descoberta do atestado de óbito do Grandjean de Montigny, que está apresentado na p. 133, e a surpresa da existência de um seu terceiro casamento, até então ignorado pelo autor.

Aquisição: <http://www.travessa.com.br/>



## GENEALOGIA DE SANTA CATARINA ALEXANDRE HENRIQUE BOITEUX

De Walter Fernando Piazza,  
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1979.

A ascendência do nosso biografado remonta a um Pierre Boiteux – filho de outro Pierra Boiteux – que foi casado com Susanne Marie Jeanneret, filha de Isaac Jeanneret. Pierre e Susanne foram pais de Daniel Henri, nascido a 14 de março de 1742, e que se casou com Rosa Margarite Grezet, nascida a 24 de dezembro de 1741, filha de Jonas Grezet e de Marguerite Perrin, neta paterna de Jean Grezet e neta materna de Samuel Perrin.

Do matrimônio de Daniel e Rose nasceu David François Boiteux, que viveu de 1773 a 1804, e foi casado com Marie Anne Montandon – cuja existência se prolongou de 1771 a 1840, filha de Charles David Montandon (nascido em 1729) e de Susanne Marguerite Boiteux (nascida em 1735), neta paterna de Charles David Montandon e de Susanne Marie Perrinjacquet e neta materna de François Louis Boiteux e de Jeanne Marie Bertholet.

Da união de David François e Marie Anne nasceu Luc Montandon Boiteux.

Luc Montandon Boiteux – cuja vida foi traçada por seu neto, o Almirante Lucas Alexandre Boiteux, em “Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina”, ed. do Departamento de Estatística e Publicidade, Florianópolis, publicação nº 11, 1939, 65 págs. – nasceu a 14 de dezembro de 1796, em Motiers, Travers, banhado pelas águas de Reuss, Cantão de Vaud, Suíça, em situação fronteiriça com a França, que foi, sempre, o agasalho de refugiados franceses como Jean Jacques Rousseau \_, casando-se com Marie Magdaleine Anastacie Bouquet, nascida em Paris, a 15 de maio de 1810, filha de Antoine Justin Bouquet (que viveu de 1783 a 1851, descendente de Angélique Boiquet, guilhotinada na Revolução Francesa, como se lê na Enciclopédia Larousse) e de Marie Adelaide Charlotte Badeuil, nascida em 1781, filha de Jean Marie Badeuil (nascido em 1753) e de Marie Charlotte.

Do casamento de Luc Montandon Boiteux – que inicia a família em Santa Catarina – com Marie Magdaleine Anastacie Bouquet nascem quatro filhos e entre estes Henrique Carlos.

Henrique Carlos Boiteux nasceu na sede da colônia Nova Itália, hoje dentro do quadro territorial do município de São João Batista, SC, da qual seu pai era administrador, a 11 de fevereiro de 1838 e levado à pia batismal, em Porto Belo, a 10 de agosto de 1841, por vontade de sua mãe, porquanto seu pai era calvinista. Foi negociante, no Desterro, hoje Florianópolis, em Tijucas e em Nova Trento. Professou, sempre, ideias liberais e isso deu-lhe oportunidade de se impor numa liderança natural. Casou-se, a 19 de maio de 1860, com Maria Carolina Jacques.

Tal casamento liga-o a uma antiga e ampla família do Desterro, hoje Florianópolis, os Jacques de Alenquer, como grafavam os primeiros deste nome.

O tronco na ilha de Santa Catarina o foi Manuel Jacques de Alenquer, vindo nos primeiros transportes d'El-Rei, “que nos trouxeram das Ilhas dos Açores, 'casais' para o povoamento do Brasil Sul”. Era natural de N. Sr<sup>a</sup> de Guadalupe da Aguada, Vila do Concelho de Praia da Vitória na Ilha Terceira. Filho legítimo de Amaro Homem e de Maria da Conceição.

Já veio casado com com Catharina de São José, natural, também, da Ilha Terceira, filha de Manuel Jorge e de Esperança Luísa..

Foi Manuel Jacques de Alenquer agricultor adiantado, estabelecido nas margens encontradoras da Lagoa de N. Sr<sup>a</sup> da Conceição, na Ilha de Santa Catarina e foi senhor de escravaria. Foi casado duas vezes, como se pode ver de seu termo de óbito, extraído do Livro 2º, Óbitos, da freguesia de N. Sr<sup>a</sup> do Desterro, da Ilha de Santa Catarina, fls. 97:

*“Aos vinte e sete dias do mês de Setembro de mil settecentos e noventa e sete se sepulta (?) na Capella de São Francisco Manuel Jacques de Alenquer, fallecido na Freguesia da Lagoa de settenta annos com testamento com Sacramento de Penitencia foi casado em Primeiro Matrimonio com Catharina de São José de cujo matrimonio ficarão oito filhos, e de segundo foi cazado com Genoveva de Jesus, e não teve filhos; natural da Ilha Terceira Fueguesia de Agua...; ignorão os nomes dos Pays: foi encomendado, e sepultado na Capella de São Francisco, do que para constar fiz este termo.*

*O Coadjutor Thomaz Francisco da Costa”.*

Manuel Jacques de Alenquer foi admitido na Venerável Ordem terceira de São Francisco, de Vila de N. Sr<sup>a</sup> do Desterro, em 9 de setembro de 1782 e a 16 de agosto de 1783 fez a profissão religiosa juntamente com sua esposa, D. Catharina de S. José.

Da união de Manoel Jacques de Alenquer com Catharina de São José, na freguesia da Lagoa, nasceu João Martins Jacques de Alenquer, ali batizado a 11 de agosto de 1790. Na mesma freguesia de N. Sr<sup>a</sup> da Conceição da Lagoa da Ilha de Santa Catarina, casou com Jacinta Rosa de Jesus Silveira, ali batizada a 16 de setembro de 1776, filha de Mateus da Silveira Machado e de Bárbara de São José, neta paterna de Manoel Machado Lucas e de Catarina da Silveira e neta materna de Domingos Vieira de Borba e de Maria de Jesus dos Anjos.

João Martins Jacques e Jacinta Rosa tiveram treze filhos, dos quais nos interessa Alexandre Martins Jacques. Alexandre Martins Jacques nasceu na mesma freguesia da Lagoa, dedicou-se à carreira marítima e, afinal, estabeleceu-se na cidade do Desterro como comerciante de ferragens, participando, também, da vida política local, ocupando cargos de nomeação e de eleição. Casou-se a 22 de novembro de 1836, com Luiza Maria de Souza Lobo, nascida na cidade de Santos, São Paulo, em 1822, filha de José de Souza Lobo e de Engracia Maria do Nascimento, esta natural de São Sebastião, São Paulo, onde nascera a 18 de abril de 1793, filha de Inacio Francisco de Moura e de Francisca Teresa de Jesus. E Inácio Francisco de Moura era filho de Estanislau de Moura e Maria de Oliveira – conforme esclarece Carlos da Silveira, em “Notas sobre os Moura Negrão de São Sebastião no litoral paulista”, in Revista do Arquivo Municipal, vol. CIX, São Paulo, 1946, pp. 23 – 341.

Alexandre Martins Jacques e Luiza Maria de Souza Lobo faleceram na cidade do Desterro; ele a 13 de março de 1855 e ela a 28 de agosto de 1890. Do casal nasceram doze filhos e entre eles Maria Carolina Jacques que se casou, como se viu acima, com Henrique Carlos Boiteux, e foram eles os pais do nosso biografado: o Almirante Henrique Boiteux.

## 2. O NASCIMENTO

Queremos iniciar este capítulo recordando as palavras do nosso biografado, em seu discurso de posse, na Academia Catarinense de Letras, na cadeira patrocinada pelo Conselheiro Manoel José de Souza França:

*Os anátemas daqueles cujos princípios ardorosamente havia combatido, lançaram-nos no lago do esquecimento: não se lembraram, porém, que tal lago é de águas tranquilas e que o sol da verdade, com o tempo, fazendo evaporar suas águas e diluir a nateira sobre eles formada pela poeira, põe a descoberto uma a uma as figuras que a ingratidão dos políticos julgou prescindir ou eliminar do cenário nacional, porque lhes faziam sombra ou eram obstáculos à realização de seus proventos e ambições. Esqueceram-se, também, de que, ao perpassar dos tempos, alguém se lembraria de retirá-las de lá, para novamente projetá-las na arena dos nossos destinos, para que outros, mais peritos, lavando-as das infundadas máculas com que quiseram desfeizá-las, burilem-lhe a personalidade para admiração e respeito das futuras gerações.”*

E, assim, iniciamos este preito de admiração e de saudade ao inesquecível Henrique Boiteux. Nasceu ele, segundo filho do casal Henrique Carlos Boiteux e D. Maria Carolina Jacques Boiteux, na então vila de São Sebastião de Tijucas, a 17 de setembro de 1862.

No livro nº 8, de Assentamentos de Batizados, da Paróquia de São Sebastião de Tijucas, às fls. 43, se lê o seguinte termo:

*“Aos dez de maio de mil oitocentos e sessenta e três, na Matriz de São Sebastião de Tijucas Grandes, passei neste Livro o assentamento de batismo do inocente HENRIQUE, nascido a dezessete de setembro último, e Baptizado na Matriz de Santa Catarina, aos nove de abril pelo Rvmo. Pe. João da Costa Pereira, autorizado com minham, digo, minha licença; filho legítimo de Henrique Carlos Boiteux e de Maria Carolina Jacques, naturais desta Província. Avós paternos Lucas Boiteux e Maria Magdalena Anastasia Bouquet; maternos Alexandre Martins Jacques e Luiza Maria. Forão padrinhos José Antonio Nicoliche e Maria Magdalena Anastasia Bouquet, representada por Catharina Ricardo Nicoliche. E para constar fiz este assentamento que assignei. O Vigario Collado Padre José Gnecco”.*

Portanto, vê-se que Henrique Boiteux foi batizado em Florianópolis, na igreja matriz, hoje Catedral.

O inocente, nascido a 17 de setembro de 1862, tornar-se-ia, depois, um emérito membro da Gloriosa Marinha de Tamandaré e Barroso, da qual exaltaria os feitos; um insigne historiador dos fatos da sua terra e da sua gente; e, acima de tudo, um propugnador do Bem Comum.

**CANTO DE CIÃ**  
Toada-chamamé.

Letra de Apparicio Silva Rillo e melodia de Mário Barbará.

Escute em [www.youtube.com/watch?v=T08E7BUxXy4](http://www.youtube.com/watch?v=T08E7BUxXy4)

Morre o pai e fica o filho,  
Morre o filho e fica o neto  
E o sangue não se perdeu.  
Da raiz rebrota a rama,  
Da rama a flor e a semente  
Isso é com planta e com gente,  
Sei que você me entendeu...

Homem é xerenga\* campeira,  
É cabo, ferra e bainha,  
Como qualquer aprendeu.  
Perde o fio, se destempera,  
Mas como nova se paira  
Quando é passada na chaira\*\*  
Sei que você me entendeu...

Quem morre pensa que morre,  
Mas quem deixa descendência  
Nos seus filhos renasceu.  
É campo nas invernadas  
Das sesmarias cortadas  
Mas foi terra e será terra  
Sei que você me entendeu...

É laço, argola e presilha,  
Trindade numa unidade  
Que a mão gaúcha prendeu  
Rompe a corda e se ramalha\*\*\*,  
Mas no remendo dos tentos  
De novo canta nos ventos  
Sei que você me entendeu...

\* xerenga – faca pequena, de uso diário, permanentemente na cintura; termo de origem africana;

\*\* chaira – afiador de facas;

\*\*\* ramalhar - fazer rumor ou sussurro nos ramos de arvoredo (diz-se de vento); arramalhar. "o vento ramalhava nos salgueiros".

**REMETENTE**



COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA  
[www.cbg.org.br](http://www.cbg.org.br)

**EXPEDIENTE**

Boletim Informativo  
COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA

Av. Augusto Severo, 8 - 12º andar - Glória  
20021-040 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (21) 2221-6000

Diretoria: Presidente Regina L. Cascão Viana  
Vice-Presidente Carlos Eduardo de Almeida Barata  
1º Secretária Patrícia de Lima Bocaiúva  
2º Secretária Eliane Brandão de Carvalho  
1º Tesoureiro Antonio Cesar Xavier  
2º Tesoureiro Guilherme Serra Alves Pereira  
Dir. Publicações Leila Ossola  
Auxiliares Cinara Maria Bastos Jorge  
Clotilde Santa Cruz Tavares  
Eliana Quintella de Linhares  
Gilson Flaeschen  
Laura de Saint-Brisson Ferrari

Conselho Fiscal: Attila Augusto Cruz Machado  
Hugo Forain Junior  
Victorino C. Chermont de Miranda

Dias e horários de funcionamento:  
2ª-feira de 13 às 17 horas / 3ª-feira de 14 às 17 horas

Página: [www.cbg.org.br](http://www.cbg.org.br)

Email: [cbg@cbg.org.br](mailto:cbg@cbg.org.br)

Diagramação: Escale Serviços de Informática

Impressão: Letras e Versos

**DESTINATÁRIO**

**IMPRESSO**